

“QUEM NÃO TIVER PECADO ATIRE A PEDRA”: A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES APLICADA AO DISCURSO TEOLÓGICO

Max Silva da Rocha¹

Doutorando em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/PPGEL)
Professor colaborador da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

João Benvindo de Moura²

Docente da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Piauí (UFPI/PPGEL)

RESUMO

Calcado na Trajetória das Paixões, uma teoria atual no âmbito dos estudos retóricos da linguagem, este estudo tem como principal objetivo realizar uma análise acerca das paixões despertadas pelo orador Jesus de Nazaré durante o encontro com escribas e fariseus que acusavam uma mulher de adultério, como narra o discurso teológico no evangelho segundo João 8:1-11. A partir deste trabalho, provavelmente será possível compreender de que maneira se concretizam os estágios da disponibilidade, identificação, mover da paixão, mudança de julgamento e ação e como eles influenciam as relações humanas. Metodologicamente, a partir do instrumental da teoria da Trajetória das Paixões, numa perspectiva qualitativa, foi possível verificar que o orador Jesus de Nazaré suscitou ao menos oito paixões aristotélicas, razão por que o discurso desse orador, no trecho analisado, é permeado por inclinações passionais, as quais engatilham a força persuasiva do processo argumentativo, visando à persuasão do auditório social.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso teológico. Paixões. Retórica.

Considerações iniciais

Entre os muitos dispositivos argumentativos capazes de tornar um discurso persuasivo estão as paixões, as quais exercem um papel imprescindível no processo retórico. Desse modo, a retórica emerge sob a égide do princípio persuasivo ou ao menos daquilo que tenta persuadir por meio do discurso. De acordo com Aristóteles (2011), “pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). É no livro II da “Retórica” de Aristóteles (2011) que as paixões estão agrupadas e conceituadas por esse filósofo grego. Mesmo apresentando uma diferença de 4 séculos antes de Cristo, as paixões continuam sendo uma das categorias mais estudadas em diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da Linguística, da Psicologia, entre outras. Portanto, “quem pretende conduzir homens a um objetivo, por força precisa sondar a alma humana dentro de todas as variáveis possíveis

¹ Endereço eletrônico: msrletras@gmail.com

² Endereço eletrônico: jbenvindo@ufpi.edu.br

que costumam compor um auditório. Neste ponto, dentro da Retórica começam a nascer os primeiros estudos de psicologia das massas e multidões” (TRINGALI, 1988, p. 31).

As paixões configuram um tema de suma importância para os estudos retóricos, haja vista a eficácia que elas exercem quando são despertadas por um orador que busca persuadir³ um auditório, uma vez que “um dos recursos mais eficazes à disposição do orador é o despertar de paixões no auditório” (FIGUEIREDO, 2020, p. 31). Em retórica, o auditório é constituído pelo público destinatário, ou seja, as “pessoas que queremos convencer e persuadir” (ABREU, 2009, p. 39). Foi Aristóteles (2011) quem propôs o estudo e a sistematização da retórica, bem como das paixões. Notadamente, trata-se de um estudo antigo, milenar, mas, neste trabalho, procurou-se relacioná-lo com pesquisas mais atuais, sobretudo, os estudos precursores desenvolvidos pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo, pesquisadora da Universidade de Franca/SP, líder e fundadora do Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE), e criadora da teoria da Trajetória das Paixões, propiciando, assim, um eficaz instrumental teórico-metodológico de aplicação ao discurso retórico em suas múltiplas nuances.

Apresentada dessa maneira, a teoria da Trajetória das Paixões, que é um conceito retórico precisamente atual, vinculada ao *pathos* retórico, fornece uma consistente aplicabilidade analítica, capaz de desvelar, no intrincado dos enunciados, os fios persuasivos que perpassam os mais diferentes discursos, neste caso, em específico, o teológico, conceituando-o como um discurso constituinte que “se organiza não pelas falas que emanam de seus produtores – evangelistas etc., mas diretamente de Deus, ao autor por excelência. Esses produtores são apenas porta-vozes do único e verdadeiro enunciador, que os inspira e legitima o discurso” (NASCIMENTO, 2020, p. 45).

A teoria da Trajetória das Paixões se mostra um eficiente instrumental para o estudo do discurso de orientação passional. Figueiredo (2020) defende que as paixões, quando são mobilizadas por um orador habilidoso, conseguem conduzir o pensamento (fazer-criar) e a ação (fazer-fazer) do ouvinte. Essa adesão se dá por meio dos elementos passionais ou patêmicos que estão intrínsecos às atividades humanas. Nesse sentido, o orador, por sua vez, precisa conhecer bem o seu auditório para que a tentativa de persuasão possa ser eficaz. Tem-se, desse modo, a necessidade do acordo argumentativo entre orador e auditório, pois ambos devem estar engajados durante o ato retórico, para que seja possível ocorrer as visadas persuasivas, haja

³“Persuadir, etimologicamente vem de ‘persuadere’, ‘per + suadere’. O prefixo ‘per’ significa de modo completo, ‘suadere’ = aconselhar (não impor). [...] Daí o sentido geral de ‘persuadere’ = aconselhar, levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente. Persuade-se provando de alguma forma” (TRINGALI, 1988, p. 20).

vista que “não há argumentação possível sem algum acordo prévio entre o orador e seu auditório” (REBOUL, 2004, p. 164).

Meyer (2000) foi o responsável por elaborar o prefácio do livro II da “Retórica” de Aristóteles, intitulado a “Retórica das Paixões”. Para o autor belga, “a paixão, tornada incontornável, exige a ação. Daí a obrigatória relação ética com a paixão, pois a moral se estriba numa justa deliberação capaz de ensejar a ação. A paixão é o obstáculo que a ação enfrenta” (MEYER, 2000, p. XXXIV). Assim, é possível compreender que as paixões levam à ação. No material analisado neste estudo, observar-se-á que o orador Jesus de Nazaré buscou convencer⁴ e persuadir o auditório presumido, mas também fazer com que o público-alvo realizasse algumas ações específicas, como retroceder a um eminente apedrejamento. A ação é a categoria-chave que mostra as atitudes realizadas pelo auditório após o orador encerrar a argumentação, é o fechamento do ciclo, como diz Figueiredo (2020). Por assim dizer, ação e paixão estão imbricadas e são indissociáveis no processo argumentativo.

Por via de consequência, a ação liga-se ao fechamento do ciclo persuasivo, pois no momento em que o orador consegue despertar as paixões e mobilizar as ações do auditório, acredita-se que o discurso retórico atingiu o seu principal objetivo. “O circuito está fechado: há paixão porque há ação, e essa reciprocidade inscreve-se como interação de diferenças no seio de uma mesma identidade, de uma mesma comunidade” (MEYER, 2000, p. XXXVII). É no estágio da ação que é possível assistir ao espetáculo das atitudes do auditório por meio do sentimento de dor ou de prazer desencadeados a partir do discurso proferido pelo orador. Com o fim do discurso, espera-se que o auditório acredite (fazer-creer), sinta a mudança (fazer-sentir) e tome atitudes (fazer-fazer) (CHARAUDEAU, 2019). Esses encaminhamentos só poderão ser atingidos se o orador conseguir lograr êxito em seu discurso. Por isso, afirma-se que é necessário ao orador possuir prudência, virtude e benevolência, aspectos ligados estritamente ao *ethos*.

Outros trabalhos já foram realizados tomando como base o estudo das paixões aristotélicas, a exemplo de Figueiredo e Santos Júnior (2020), Figueiredo, Gomes e Ferraz (2020), Figueiredo (2018), Mosca (2017), Ferreira (2017), Santos e Figueiredo (2014), entre tantos outros. No entanto, verificou-se que em nenhum deles foi possível constatar um estudo que se voltasse às paixões despertadas pelo orador Jesus de Nazaré em um ato retórico descrito no evangelho segundo João, capítulo 8: 1-11, o qual versa sobre a história da mulher adúltera,

⁴ “Convencer – vem de ‘cum + vincere’ = vencer o opositor com sua participação. E tecnicamente denota persuadir a mente através de provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos)” (TRINGALI, 1988, p. 21).

razão pela qual se justifica a importância deste trabalho para os estudos retóricos da linguagem, uma vez que contribui com o estudo passional do citado discurso de vertente teológica. Além disso, vislumbra-se a possibilidade de mostrar a importância da aplicação da teoria da Trajetória das Paixões em um texto bíblico, o que viabiliza novas nuances para o estudo do domínio discursivo religioso a partir de um instrumental teórico desenvolvido recentemente.

Esta investigação segue, com maior ênfase, o trabalho de Figueiredo (2020), em que a autora mostra, de forma dinâmica e inovadora, a Trajetória das Paixões no discurso retórico-argumentativo. Para a referida autora, “as emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação. Nesse sentido, as paixões podem ser consideradas pontífices da retórica, isto é, exercem a autoridade de consumir o ato persuasivo” (FIGUEIREDO, 2020, p. 32-33). É justamente nessa perspectiva que este estudo se debruça em suas considerações teóricas e analíticas em um discurso teológico, almejando verificar o modo como as paixões foram despertadas por meio do discurso do orador e como efetivaram a tomada de decisão por parte do auditório visado, reverberando, sobretudo, emoções, sentimentos, *pathos*.

Depreende-se, conforme Figueiredo (2020), que cada paixão suscitada por um orador tem o poder de aflorar os sentimentos do ouvinte que, por sua vez, é tocado pelo movimento passional, abre as portas de seu campo sensível e permite que o orador conheça as suas disponibilidades afetivas, suas motivações e, principalmente, seus valores e suas crenças. Verificar-se-á que o orador Jesus de Nazaré agiu retoricamente durante os atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2019) que realizou. Além disso, será possível observar que o jovem profeta judeu do mediterrâneo despertou diversas paixões nas pessoas que eram, naquele momento, o seu auditório social, razão pela qual se concretiza a tentativa de persuasão a partir de uma trajetória específica, como preconiza o trabalho de Figueiredo (2020). Assim, confirma-se a premissa de que todo discurso retórico busca, de um modo ou de outro, despertar no auditório a adesão às teses⁵ que são apresentadas por intermédio do discurso do orador.

Aquele que encena o discurso, neste caso o orador, recorre às estratégias argumentativas que estiverem ao seu alcance para potencializar o seu discurso e ganhar a adesão do ouvinte, já que “o primeiro ofício do orador é discursar de maneira adequada para atingir a persuasão” (CÍCERO, 2009, p. 169). Logo, para que aconteça uma argumentação que alcance a persuasão,

⁵ Para Tringali (1988, p. 48), a tese “é uma questão posta em termos gerais, ‘em tese’, como se costuma dizer, sem particularizar, de modo indeterminado, independente das circunstâncias. [...] A tese generaliza e compreende tanto questões teóricas como práticas, mas não se envolve com casuísmos. Trata-se um tema abstratamente e não concretamente”.

é preciso que o orador seja “capaz de acessar o campo emocional de seu auditório por meio do uso adequado de processos discursivos que possam aflorar as afecções de quem testemunha seu ato argumentativo” (FIGUEIREDO, 2018, p. 143). Endossando mais ainda essa perspectiva, Ferreira (2017) advoga que a missão do orador é insuflar ao máximo o auditório de paixões para que este sinta sensações diferentes ligadas às nuances infindáveis de intensidade da dor ou do prazer aflorados por meio do discurso. Assim, “quando as paixões gritam no interior de alguém, um orador pode, pela boa articulação do ato retórico, não apenas ensinar, agradar ou comover com menor ou maior intensidade, mas também acentuar no auditório o aspecto passional” (FERREIRA, 2017, p. 67).

No material analítico deste estudo, será possível notar que o orador Jesus de Nazaré se valeu de dispositivos argumentativos passionais para fazer com que o auditório realizasse ações coordenadas pelo discurso desse orador. Com base nas pontuações elencadas, este artigo tem por objetivo central analisar as paixões despertadas por Jesus em um trecho da narrativa bíblica, mais precisamente, no evangelho segundo João, capítulo 8:1-11, o qual aborda a história de uma mulher adúltera que seria apedrejada. Este estudo se justifica pela atual importância da teoria da Trajetória das Paixões e por evidenciar de que maneira as paixões interferem nas relações humanas, provocando mudanças de julgamentos, comportamentos e fazendo com que os sujeitos realizem ações coordenadas pelo campo passional. Com base nisso, é imprescindível considerar que “a afetividade condiciona nossas ações e reações na interação com o outro e que todo discurso se constrói em torno de um tema que é problematizado e gera questões fundamentais e secundárias” (FERREIRA, 2017, p. 78).

A pergunta central que norteia este trabalho é a seguinte: de que maneira é possível aplicar a teoria da Trajetória das Paixões em um trecho da narrativa bíblica descrita no evangelho segundo João capítulo 8:1-11? A resposta a essa pergunta é o fio condutor deste estudo que está dividido em alguns tópicos assim delineados: o primeiro aborda a tríade aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos*; o segundo apresenta considerações acerca do *pathos* retórico; o terceiro classifica e conceitua as 14 paixões aristotélicas; o quarto comporta o esquema da teoria da Trajetória das Paixões; o quinto discorre sobre as circunstâncias do discurso retórico; o sexto ressalta os métodos de pesquisa e a análise; por fim, há as considerações finais e as referências bibliográficas que subsidiaram esta investigação.

A tríade retórica: *ethos*, *pathos* e *logos*

De acordo com Aristóteles (2011), existem pelo menos três elementos imprescindíveis à ação retórica, a saber, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Os dois primeiros se caracterizam por serem de ordem afetiva e o último de ordem racional. Assim, *ethos*, *pathos* e *logos* formam uma espécie de trilogia inseparável que configura a base persuasiva de todo discurso retórico-argumentativo. Por discurso retórico, entende-se “a intenção de persuadir um auditório que se encontra diante de uma questão polêmica” (FERREIRA, 2015, p. 15). A polêmica, o conflito, são aspectos que configuram o lugar do campo retórico, pois a retórica só existe onde há dissenso, antifonia.

Em retórica, o *ethos* diz respeito aos traços de caráter que o orador constrói diante de um auditório; além disso, é entendido como a imagem daquele que fala ou produz o discurso no momento exato da enunciação. O *pathos* refere-se ao conjunto de paixões que o orador precisa despertar no auditório, para que este possa construir um modelo de comportamento, produzindo um efeito de verdade com suas emoções, sentimentos, paixões. Por fim, o *logos* diz respeito à disposição dos argumentos, encadeados em ordem lógica e convincente, estruturando o discurso (ARISTÓTELES, 2011).

Em síntese, existem três tipos de meios para persuadir: “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). Essa tríade (ou provas retóricas) era vista de maneira separada, mas com os novos estudos retóricos, a exemplo de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014[1958]) e Meyer (2007), ela passou a ser vista de maneira conjunta, indissociável, pois todo ato de linguagem comporta essas três categorias retóricas. “Dessa forma, todo o método do discurso está ligado a três elementos para que se atinja a persuasão: provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir” (CÍCERO, 2009, p. 215).

Nesse sentido, há esses três meios (*ethos*, *pathos* e *logos*) para se obter a persuasão e aquele que conseguir utilizá-los de maneira eficiente será capaz de “raciocinar logicamente, compreender costumes e virtudes, e conhecer as emoções, ou seja, o que são, sua natureza, suas causas e o meio pelo qual são despertadas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 46). Para este estudo, embora a trilogia seja importante, apenas um dispositivo do tripé retórico será abordado com maior ênfase: o *pathos*. Isso se dá em razão de essa categoria contemplar as paixões que são suscitadas por meio do discurso do orador, neste caso, Jesus de Nazaré, por isso a maior ênfase.

Da tríade retórica: o *pathos*

Como o foco central deste trabalho são as paixões aristotélicas, dar-se-á maior ênfase no *pathos*, pois como afirma Mosca (2017), o terreno das paixões é o da sensibilidade, sendo da mesma natureza do *pathos*. A autora enfatiza que as emoções têm mais a ver com os estados de alma, do dia a dia e que são elementos passageiros. No entanto, ainda ressalta que as paixões se enraízam e são alvo de reflexão, de mudança de postura, de juízos, pois atingem as atividades humanas, influenciando-as de forma acentuada. De acordo com Mosca (2017, p. 16), “em nossos dias, não se pode discutir o processo da argumentação, sem que se trate da função que as emoções nele desempenham”. Infere-se, conforme a autora, que o *pathos* é o lugar das relações humanas, das paixões despertadas, revelando os conflitos, as diferenças entre os seres humanos.

Em virtude disso, o contraditório, o lugar de tensão, da antítonia também faz parte do campo passional, campo da retórica por natureza, pois engendra embates, tensões e conflitos. A importância de estudos que se debruçam sobre as paixões aristotélicas reside no fato de que elas fornecem uma visão integral das coisas e dos seres no terreno da verossimilhança, visando um melhor conhecimento da alma humana, visto que “os homens julgam muito mais por ódio, amor, desejo, cólera, dor, alegria, esperança, temor, perplexidade ou alguma outra excitação da mente do que pela verdade, uma prescrição, alguma norma legal, fórmula processual ou por leis” (CÍCERO, 2009, p. 221).

Assim, certamente é impossível não levar em consideração a presença de elementos passionais que, de algum modo, estão intrínsecos às atividades humanas e que se apresentam no interior dos discursos retóricos e nas possíveis atividades deles decorrentes (MOSCA, 2017). O lugar das paixões é, de certo, um dos principais a ser investigado no discurso retórico. Para o filósofo belga Meyer (2007, p. 39), o *pathos* “é o conjunto de valores implícitos das respostas fora de questão, que alimentam as indagações que um indivíduo considera como pertinentes”. Assim sendo, o *pathos* corresponde às reações da alma, das paixões suscitadas pelo orador e que são excitadas por meio de um discurso retórico ancorado na passionalidade. O autor postula que o auditório só existirá enquanto houver paixões, uma vez que há uma fonte de questões que responde a interesses múltiplos, dos quais dão prova as paixões, as emoções ou as opiniões. “O auditório é passivo, ele se submete ao orador como se submete as suas próprias paixões” (MEYER, 2007, p. 22).

Ainda consoante Meyer (2007), o orador habilidoso precisa levar em consideração as possíveis paixões do seu auditório, haja vista que são elas as responsáveis por exprimir a subjetividade de uma questão polêmica posta em julgamento. “É o que o enraivece, o que ele aprecia, o que ele detesta, o que ele despreza, ou contra o que ele se indigna, o que ele deseja, e assim por diante, que fazem do páthos do auditório a dimensão retórica da interlocução” (MEYER, 2007, p. 39). Nas palavras desse autor, a paixão é considerada um poderoso reservatório retórico-argumentativo, capaz de mobilizar o auditório em favor de uma tese proposta ao assentimento. A paixão tem o poder de fazer com que o auditório se torne convencido e persuadido pelo discurso do orador.

Seguindo o mesmo entendimento, Figueiredo (2018) complementa a ideia de que o *pathos* e as paixões são elementos imbricados, indissociáveis no plano discursivo, quando lança:

Dentro da Retórica, a instância do *pathos* se refere ao auditório e suas paixões. Portanto, para que um discurso seja persuasivo, sugere-se que o orador, ao elaborar sua argumentação, recorra ao terreno emocional de seu ouvinte. Não obstante, esse caminho só se torna viável quando as emoções do auditório se encontram disponíveis para a exploração do orador. Para isso, é necessária uma disponibilidade afetiva por parte do auditório, que permita criar espaço para a paixão preconizada por quem profere o ato argumentativo. Em outras palavras, um auditório só sentirá determinada paixão (afecção) se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a experimentar aquela emoção (FIGUEIREDO, 2018, p. 153).

De acordo com o exposto pela autora, entende-se que o *pathos* possui uma relação intrínseca ao ser humano que, de algum modo, sempre é acometido por paixões. Em virtude disso, as paixões dizem respeito a um modelo de armazém em que é possível encontrar as mais diversas nuances dos estados da alma. Logo, o orador pode adentrar e explorar esse celeiro patêmico, a fim de selecionar e atingir a paixão que seja a mais importante no discurso retórico (FIGUEIREDO, 2018). Assim sendo, as paixões são as molas que sustentam o discurso retórico-argumentativo. Em seguida, apresentar-se-ão as paixões descritas por Aristóteles (2011) no livro II da obra “Retórica”.

A tipologia das paixões aristotélicas

A temática das paixões aparece no livro II da obra “Retórica”, escrita por Aristóteles há cerca de 4 séculos antes de Cristo. O filósofo grego postula que as paixões desempenham importante papel no processo argumentativo e contribuem de forma decisiva para o ato de

persuadir. As paixões humanas, quando são despertadas, excitam atitudes no ser humano, o que pode acarretar em mudanças de opiniões, juízos, pensamentos, ações, entre outros aspectos. Foi Michel Meyer quem fez um prefácio magistral da obra de Aristóteles sobre as paixões. O prefaciador advoga:

A paixão é a alternativa, sede da ordem do que é primeiro para nós, dissociada dessa ordem daquilo que em si é irreduzível a este. Ela é, por isso mesmo, o lugar do Outro, da possibilidade diferente do que somos afinal; o individual por oposição ao universal indiferenciado. A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. A paixão é a própria alteridade, a alternativa que não se fará passar por tal, a relação humana que põe em dificuldade o homem e, eventualmente, o oporá a si mesmo. Compreende-se, nessas condições, que a paixão remete às soluções opostas, aos conflitos, à diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional, a contingência que os libera ao mesmo tempo que pode entregá-los ao que a destrói e ao que os subjuga (MEYER, 2000, p. XXXV).

Conforme Meyer (2000), as paixões ocupam o lugar da diferença, daquilo que gera conflitos e, principalmente, mudanças. Para Aristóteles (2011, p. 122-123), “as paixões (emoções) são as causas das mudanças nos nossos julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer”. Em virtude disso, entende-se que as paixões são postas no campo afetivo e o orador as suscita com o objetivo de produzir efeitos patêmicos no auditório visado. Do mesmo modo, Jesus de Nazaré, ocupando a posição de orador, procedeu, em seu discurso, ao ato de suscitar paixões e é nesse ponto fulcral que se fundamenta o presente estudo, enfatizando as paixões despertadas pelo orador Jesus no discurso teológico selecionado para amostragem e análise retórico-passional.

Aristóteles (2011), na obra “Retórica”, classificou e conceituou 14 paixões, a saber: cólera, calma, amor, ódio, medo, confiança, pudor, despudor, benevolência, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo. Essas paixões “formam um reservatório de ditos espirituosos em que se juntam o particular e uma certa forma de universalidade, o bom senso ou o senso comum” (MEYER, 2000, p. XXXVIII). Como este trabalho fundamenta-se nas paixões aristotélicas, em permanente diálogo com o discurso teológico, ratifica-se que é necessário apresentar as definições de cada uma delas, seguindo as conceituações do próprio mestre estagirita.

A *cólera* é entendida como um sentimento de vingança, ou seja, como forma revidar algum mal sofrido. De acordo com Aristóteles (2011), essa paixão é sempre acompanhada de

prazer no antegozo, mas no sentido de expectativa de vingança. Nesse sentido, o orador poderá despertar no auditório esse desejo de vingança contra algum possível adversário.

A *calma* diz respeito ao contrário da cólera, tendo em vista que não se tem nenhum aspecto emotivo que propicie o desejo de vingança. Para Aristóteles (2011), a tranquilidade é um restabelecimento ao estado normal ou um apaziguamento da cólera. O filósofo grego afirma que não há cólera diante de pessoas em que há o temor, o respeito, enfatizando que é impossível experimentar concomitantemente temor e cólera.

O *amor* corresponde a um sentimento de querer para uma outra pessoa aquilo que temos na conta de bens, que também queremos. É ficar feliz com a felicidade do outro; e ficar triste com a tristeza do outro. Aristóteles (2011) postula que aquele que deseja para o ente amado o que deseja para si mesmo revela-se verdadeiramente seu amigo, criando um elo, ou seja, uma aproximação com o outro. Nesse sentido, conquistam também o amor das pessoas aqueles que não abandonam os seus amigos em momentos de extrema dificuldade.

O *ódio* seria o contrário a todo sentimento de amor por uma pessoa. Conforme Aristóteles (2011), a inimizade e o ódio devem ser analisados tomando como referência os seus opostos, pois a inimizade pode ser produzida por cólera, descaso ou calúnia. Logo, o ódio provoca o desejo de querer que o outro seja penalizado severamente.

O *medo* é definido como uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso, caracterizando-se como uma situação de aflição vivida. Para Aristóteles (2011), o medo é sentido pelos que acreditam que algo provavelmente lhes acontecerá através da ação e concurso de determinadas pessoas, de uma determinada forma e de um determinado momento específico.

A *confiança* é compreendida como tudo aquilo que é contrário ao medo e o que inspira a confiança é o contrário daquilo que gera o medo. Diante disso, consoante Aristóteles (2011), a esperança acompanha a representação de que as coisas que podem nos proporcionar segurança estão próximas e que as temíveis estão ausentes ou distantes. O que gera confiança é aquilo que é capaz de causar certos danos, mas encontra-se distante.

A *vergonha* é uma forma de aflição ou perturbação gerada por ações deploráveis – realizadas no presente, no passado ou no futuro – capazes de nos desonrar de alguma maneira. De acordo com Aristóteles (2011), uma pessoa que sente pudor é passível de sofrer diante das outras pessoas que possuem uma reputação procedente. Há, desse modo, uma preocupação com a imagem de si que está sendo projetada para o outro.

A *desvergonha* corresponde ao contrário do pudor. Aristóteles (2011) frisa que se trata de uma espécie de descaso e de indiferença manifestados relativamente a faltas dessa natureza. A imagem que uma pessoa transmite, mesmo causando desonra não é levada em consideração, pois não há qualquer importância sobre a opinião do outro. Há, neste caso, uma indiferença, pois a opinião das pessoas realmente não tem nenhum valor expressivo para aquele que é desavergonhado.

A *benevolência*, para Aristóteles (2011), é o sentimento por força do qual alguém que dispõe de recursos presta ajuda àqueles que passam privações, não na expectativa de qualquer proveito para si em retribuição, ou alguma vantagem pessoal, mas exclusivamente no interesse do benefício por seu gesto. Portanto, a benevolência é importante para o favorecimento de alguém que se acha em extrema necessidade de algo importante e de difícil obtenção.

A *compaixão* é um sentimento doloroso gerado por um mal aparente capaz de aniquilar uma pessoa ou de afligi-la. No dizer de Aristóteles (2011), é nessa paixão que uma pessoa se coloca no lugar da outra, quando há a percepção de que outras pessoas estão sendo vítimas de alguma enfermidade, a exemplo de mortes, de golpes, de ferimentos, de maus tratamentos ao corpo, de velhice, de doenças, entre outras mazelas que afligem o ser humano.

A *indignação* corresponde à oposição da compaixão mesmo ambas estando vinculadas ao caráter. Trata-se de um sentimento que exprime uma dor em relação a alguém sem merecimento, ou seja, uma pessoa que sofre, que passa por dificuldades, que passa por privações, mas que não merece esses problemas. Aristóteles (2011) assegura que a indignação diz respeito ao sofrimento experimentado diante da visão do êxito não merecido de uma pessoa.

A *inveja*, conforme Aristóteles (2011), é uma forma de sofrimento produzido pelo conspícuo êxito, no que tange aos bens conquistados por uma pessoa próxima, amiga. Todas as pessoas que têm amigos sentirão inveja, a exemplo daqueles que obtêm o sucesso facilmente enquanto o êxito para uns custa muito caro ou acontece um fracasso. As pessoas de sucesso são invejadas por aquelas que não conseguiram o mesmo prestígio social.

A *emulação* é um sentimento diferente da inveja. Aristóteles (2011) salienta que a primeira pode ser definida como uma forma de sentimento penoso produzido pela visível posse, por parte daqueles que são naturalmente semelhantes ou iguais, de bens tidos em alta estima e que qualquer pessoa poderia obter. No entanto, esse sentimento é vivenciado não porque uma pessoa deixa de ter, mas porque uma outra não tem. A emulação é um sentimento equilibrado e experimentado por pessoas de bem, ao passo que a inveja é um sentimento desprezível somente experimentado por pessoas desprezíveis.

O *desprezo* é justamente o contrário da emulação. Na concepção de Aristóteles (2011), o desprezo é aquilo que não merece nenhuma atenção, por isso despreza-se aqueles cujo caráter não possui nenhum valor sequer, mesmo havendo conquistas, virtudes. Por isso, somente a pessoa que não tem valor é alvo do desprezo e, desse modo, desconsideram-se todas as possíveis virtudes, conquistas que emanam da pessoa que é desprezível.

Todas essas 14 paixões agrupadas e definidas por Aristóteles (2011) estão à disposição de um orador para que as suscite e tente convencer e persuadir o seu auditório social. Novamente, evoca-se Meyer (2000) para afirmar:

A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o Outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o Outro é para nós. Lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência. Resposta ao Outro, a paixão é, por definição, a própria variação, o que no mais profundo do nosso ser exprime o problemático (MEYER, 2000, p. XXXIX-XL).

As paixões são mecanismos capazes de tornar os discursos persuasivos por meio dos estados da alma, da relação com o outro, das diferenças conflituosas. As paixões, conforme Figueiredo (2020), têm a função de transformar as disposições que se encontram nos homens. No entanto, não só as questões passionais, mas também físicas. No dizer de Figueiredo (2020), é possível compreender que as paixões são nuances que alteram o juízo do homem, mas também as ações, o corpo, as atitudes. Nesse sentido, não só os juízos, mas o sujeito, enquanto ser racional, sofre alterações psicofísicas, entre outras. Perseguindo esse direcionamento, recorre-se ao trabalho de Figueiredo (2020) ao explicar de forma pormenorizada como ocorre a Trajetória das Paixões em um processo argumentativo.

A trajetória das paixões: o modelo de Figueiredo (2020)

Em Figueiredo (2020) encontra-se uma teoria atual que recebe a alcunha de Trajetória das Paixões. A criadora dessa teoria acredita que essa trajetória mostra o que possivelmente acontece no interior do processo persuasivo. Conforme a autora, a Trajetória das Paixões acontece por meio de 5 estágios específicos: disponibilidade, identificação, despertar da paixão,

mudança de julgamento e ação. Figueiredo (2020) lembra que as três últimas etapas já se encontram descritas em Aristóteles (2011) e que a grande novidade são as duas primeiras. Para fins de uma compreensão mais consistente, é imprescindível conceituar cada estágio. Antes mesmo, com fins de um entendimento concreto, tem-se a seguir o modelo da Trajetória das Paixões, no qual Figueiredo (2020) mostra o percurso passional:



Fonte: Figueiredo (2020, p. 40).

A partir desse esquema, Figueiredo (2020) ressalta que, para cada estágio descrito no quadro apresentado, é preciso cumprir certos requisitos. Por exemplo, o discurso precisa ser transportado do escopo racional para o passional; o auditório precisa estar aberto a aceitar o discurso passional; a disponibilidade e a identificação são os mecanismos que engatilham o despertar da paixão, a mudança de julgamento e, principalmente, a ação realizada. Assim, “um discurso ganha poder persuasivo quando o orador consegue, para além do campo racional, atingir habilmente o terreno passional de seu auditório. Porém, esse intento só se viabiliza quando as emoções do auditório se encontram disponíveis para a exploração do orador” (FIGUEIREDO, 2020, p. 40-41).

O primeiro estágio descrito no esquema é o da *disponibilidade*, pois o auditório precisa aceitar, estar disposto a ouvir o discurso do orador e permitir que as emoções possam, de fato, ser despertadas por meio do discurso retórico. No dizer de Figueiredo (2020), o orador precisa conhecer o seu auditório e esse conhecimento deve extrapolar as questões ligadas à idade, sexo, etnia, escolarização. É preciso acessar os valores, as preferências, o conjunto de hábitos, a fim de medir a disponibilidade emocional do público-alvo. “O estágio da ‘disponibilidade’, portanto, refere-se à disposição emocional do auditório e à sua acolhida em relação às emoções propostas em um determinado discurso. Em outras palavras, um auditório só sentirá

determinada paixão se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a senti-la” (FIGUEIREDO, 2020, p. 42).

O segundo estágio é o da *identificação*, que diz respeito ao acionamento de componentes cognitivos que estão imbricados à emoção. Segundo Figueiredo (2020), esses componentes são sensações ou percepções, impressões sensíveis ou racionais. Desse modo, a autora enfatiza que só ocorre o estágio da identificação quando o discurso, de alguma maneira, interpela a alma do sujeito via processos de identificação. “Eu me identifico, portanto, com tudo aquilo que revela a mim quem eu sou, mesmo que eu não tenha plena consciência disso” (FIGUEIREDO, 2020, p. 43). A pesquisadora ratifica que esse estágio é o gatilho para o despertar da paixão, pois os sujeitos só se sensibilizam se antes se identificarem com o discurso por meio de processos identitários.

O terceiro estágio é o *despertar da paixão*, considerado por Figueiredo (2020) como o ponto central da trajetória. É nesta fase que o auditório, após ser interpelado pelo discurso do orador, “passa, então, a experienciar as alterações e os processos fisiológicos que lhe ocasionarão as sensações de prazer e/ou dor. Assim, constatamos que as paixões afetam não somente a alma, mas também, e sobretudo, o corpo de quem as sentem” (FIGUEIREDO, 2020, p. 44). Nesse sentido, não somente o componente cognitivo é alvo das paixões, mas também o corpo físico. Dessa forma, mente e corpo estão imbuídos nesse processo de alteração. “Há na alma, ao lado da razão, um princípio ativo e um princípio passivo, ação e paixão se compensando, de certo modo” (MEYER, 2000, p. XXI). Logo, corpo e mente são conduzidos a uma mudança.

O quarto estágio, a *mudança de julgamento*, é constituída pelos fundamentos da tomada de decisão. É nesta etapa que, por meio da experiência de “dor e/ou de prazer oriundas da paixão, observamos um impacto nos estados ou processos cognitivos relacionados às crenças (*doxai*) ou aos julgamentos (*hypolepsis*) do auditório [...]. A ‘mudança de julgamento’ construída neste estágio estabelecerá os fundamentos para a tomada de decisão” (FIGUEIREDO, 2020, p. 45, grifos da autora). Portanto, o corpo e a mente são impulsionados por uma mesma causa. Por isso, o auditório é convidado a proceder a uma mudança de julgamento e, logo em seguida, à ação.

O quinto estágio é o da *ação*, considerado o desfecho da trajetória passional, em que o processo argumentativo alcança seu objetivo último: “o de conduzir o auditório à ação. Neste estágio, assistimos ao espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo [...]. Somente assim, consideramos que o processo persuasivo tenha chegado ao seu fim e

podemos, então, assistir ao fechamento do ciclo” (FIGUEIREDO, 2020, p. 46). É neste estágio o momento em que o auditório se manifesta e exprime seus desejos, seus impulsos, suas atitudes. Naturalmente, espera-se a mudança de atitudes, de julgamentos, contemplando corpo e mente.

A partir desses estágios passionais propostos por Figueiredo (2020), será analisado um ato retórico, enunciado pelo orador Jesus de Nazaré, em que esse mestre da oratória possivelmente suscitou algumas paixões aristotélicas com a intenção de persuadir o auditório idealizado. Diante disso, algumas paixões excitadas foram as responsáveis por mudanças de vida de alguns personagens bíblicos narrados no discurso teológico extraído do evangelho segundo João 8:1-11. As paixões influenciam a memória e o coração das pessoas que ouvem o discurso retórico e isso acontece porque elas, “em um processo argumentativo, são pontes que permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação de traços deflagrados em comum” (FIGUEIREDO, 2018, p. 142).

As circunstâncias do discurso retórico

Antes de iniciar as análises, é necessário tecer considerações sobre as circunstâncias de discurso, as quais abarcam a situação extralinguística, definida “como um ambiente material transformado em palavras através dos filtros construtores de sentido, utilizados pelos atores da linguagem” (CHARAUDEAU, 2019, p. 32). No discurso em tela, existem alguns elementos que precisam ser explicados de forma pormenorizada para o entendimento do contexto argumentativo. O primeiro deles diz respeito ao orador, pois é preciso ressaltar que há pelo menos dois oradores: o narrador do texto bíblico (supostamente João); e o personagem histórico Jesus de Nazaré. O segundo diz respeito ao auditório, uma vez que é possível afirmar que existem pelo menos dois: a) os personagens descritos na narrativa bíblica que viram e ouviram o discurso; e b) os leitores do texto bíblico.

Neste trabalho, dar-se-á destaque ao discurso proferido pelo orador Jesus de Nazaré direcionado ao auditório constituído pelos personagens da trama bíblica: os escribas, os fariseus, a mulher apanhada em adultério e os demais seguidores de Jesus no momento exato da enunciação. Esse recorte se justifica pelo fato deste estudo buscar entender como a aplicação da Trajetória das Paixões ocorre no discurso teológico encontrado no evangelho segundo João 8:1-11. Acerca do livro intitulado pelo nome de “João”, Ehrman (2014) afirma que este evangelho foi o último a ser escrito e isso ocorreu no período entre 90 e 95 depois de Cristo. O

autor estadunidense ainda assegura que o livro em destaque é totalmente diferente dos demais evangelhos sinóticos, visto que as histórias narradas sobre Jesus são bastante distintas das encontradas nos outros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas).

Sobre a autoria dos evangelhos, Ehrman (2014, p. 45) é incisivo em dizer que os autores não eram os nomeados e conhecidos “discípulos originais de Jesus ou provavelmente nem mesmo eram seguidores dos doze discípulos diretos de Jesus. Eram cristãos de épocas posteriores que ouviram as histórias sobre Jesus, disseminadas oralmente ano após ano, década após década, e finalmente decidiram escrevê-las”. Na verdade, não se sabe até hoje a identidade das pessoas que escreveram os quatro evangelhos, mesmo que essa informação cause euforia na cristandade, pois, na religião cristã, em sua maioria, é transmitida a ideia de que os livros intitulados de Mateus, Marcos, Lucas e João foram realmente redigidos por esses quatro personagens bíblicos e com esses mesmos nomes. No entanto, ainda não há evidências históricas ou arqueológicas que comprovem essa possibilidade. Assim sendo, é preferível seguir os direcionamentos de Ehrman (2014).

Acerca do orador Jesus de Nazaré, enquanto um homem histórico, sabe-se que ele, de fato, existiu e era um camponês de uma pequena aldeia por nome Nazaré, localizada na Galileia. A região da Galileia possuía uma população muito diversificada e abrigava muitos povos de diferentes segmentos. “No tempo de Jesus, essa província contara, entre seus habitantes, com muitos não-judeus (fenícios, sírios, árabes e até gregos)” (RENAN, 2004 [1863], p. 96). Foi no meio dessa população miscigenada da Galileia, sobretudo camponesa, que Jesus nasceu, cresceu e iniciou o ministério. Jesus, de acordo com Crossan (1994), era um homem atópico, pois deslocava-se constantemente de um lugar para o outro. Ele tinha algo de diferente, visto que sempre ia até onde estavam as pessoas, ao invés de esperar que elas fossem até ele. Isso contribuía para que as pessoas o admirassem e passassem a segui-lo.

Além disso, as possíveis curas milagrosas que Jesus realizava chamavam a atenção de todos. “Creio que o aspecto mágico e milagreiro de Jesus era um fenômeno problemático e controverso não só para os seus inimigos, mas também para os seus amigos” (CROSSAN, 1994, p. 348). Portanto, assume-se que para conhecer Jesus e pensar como ele vivia, é preciso analisar como era a vida dos camponeses de Nazaré, visto que o jovem profeta tinha uma rotina do mesmo modo ou parecida com os outros moradores da referida aldeia. Acredita-se que esses aspectos aqui apresentados estão em volta das circunstâncias de discurso do texto bíblico escolhido para a análise da Trajetória das Paixões.

Acerca dos caminhos metodológicos

Metodologicamente, este trabalho segue a abordagem qualitativa, com um olhar descritivo e interpretativista (ANDRÉ, 2005), conjuntamente com a análise retórica, a partir da teoria da Trajetória das Paixões (FIGUEIREDO, 2020), visto que essas perspectivas respondem a questões muito particulares das informações investigadas. A primeira (pesquisa de abordagem qualitativa) se preocupa, nas ciências sociais, com uma perspectiva de realidade processual, dinâmica. Essa abordagem se debruça sobre o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A segunda (análise retórica), para Ferreira (2015), procura mostrar como elementos de natureza persuasiva tomam forma, como se configuram os argumentos, como os recursos de convencimento e de persuasão são postos no discurso retórico com intenções de ganhar a adesão do auditório. Assim, a própria interpretação é o produto estrito da observação e da análise do discurso persuasivo. Logo, “a leitura retórica é mesmo um diálogo” (FERREIRA, 2015, p. 53). Além disso, ainda no âmbito retórico, a Trajetória das Paixões apresenta-se como um eficiente recurso teórico-analítico, capaz de fornecer e descobrir informações passionais que contribuam para a persuasão por meio dos mais diversos discursos retóricos, neste caso, do discurso de linha teológica.

No ato retórico selecionado para este estudo, buscou-se mobilizar mecanismos retóricos para analisar de que maneira as paixões despertadas por meio do discurso do orador Jesus de Nazaré influenciaram as relações humanas. A escolha desta temática se justifica pela importância do discurso teológico para a cristandade, e para a sociedade, em geral, bem como pelo fato de observar como Jesus, na posição de orador, conseguiu suscitar algumas paixões aristotélicas que propiciaram mudanças de comportamento no auditório visado, visto que “as paixões servem para classificar os homens e descobrir se o que sentem é necessário para que quem quer convencê-los aja sobre eles” (MEYER, 2000, p. XXXVIII).

O fragmento de análise foi extraído da Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada, datada de 1999. Segundo César (2000), essa versão da Bíblia é uma das mais utilizadas pela cristandade. O citado autor enfatiza que Almeida era um erudito e foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o português. Além disso, a tradução de Almeida foi revista e atualizada por vários biblicistas de grande envergadura, razão por que se justifica tal

escolha para este trabalho. Obviamente, existem outras traduções deveras credíveis, mas não é possível utilizar cada uma delas e, por motivos de recorte, selecionou-se apenas a versão mencionada.

A trajetória das paixões aplicada ao discurso teológico

A perícopes bíblica que aborda a narrativa sobre a mulher adúltera em João 8:1-11 se configura como uma das passagens bíblicas que mais chamam a atenção no cânon do Novo Testamento. Nesta passagem bíblica, é possível verificar a maneira como o orador Jesus de Nazaré é colocado em uma situação de armadilha pelos escribas e fariseus da época, pois se libertasse a mulher pecadora, estaria indo de encontro à lei mosaica, a qual ordenava a morte da mulher e do homem que fossem flagrados em adultério (Levítico 20:10); e se aconselhasse o apedrejamento, estaria indo de encontro com as leis romanas que creditavam apenas ao império romano o poder de condenar as pessoas à morte, bem como às suas próprias convicções que pregavam o perdão e o amor ao próximo. Mesmo nessa encruzilhada, o orador Jesus de Nazaré conseguiu argumentar, convencer e persuadir o seu auditório social por meio do mover de paixões. É o que se poder ver no texto a seguir:

1Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. 2De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. 3Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, 4disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. 5E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? 6Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. 7Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. 8E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. 9Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. 10Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? 11Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 84).

No início dessa narrativa bíblica, é possível observar que Jesus de Nazaré, como de costume, se dirigiu, de madrugada, ao Monte das Oliveiras para realizar as suas orações. Em seguida, o mestre nazareno volta novamente ao templo e começa a ensinar a sua doutrina a

todos aqueles que o seguiam. Neste momento, aparece um grupo de escribas e fariseus – pessoas de alto prestígio social na época – que traziam uma mulher capturada em flagrante, cometendo adultério, um dos pecados mais graves (digno de morte) descrito na lei mosaica. Com base nessas informações preliminares, percebe-se o estágio da disponibilidade em virtude das seguintes razões: a) Jesus era judeu e o auditório concreto e visado também era judeu; b) orador e auditório compartilhavam dos mesmos valores religiosos, pois obedeciam à mesma lei judaica; c) o orador e o auditório se conheciam mutuamente; d) Jesus tinha acesso às preferências, às crenças e aos hábitos do auditório; e) o profeta nazareno sabia argumentar de modo a atingir o terreno passional de seu auditório. De certo, foi o estágio da disponibilidade o responsável por estabelecer a abertura desse processo discursivo passional.

Ademais, o texto em tela apresenta o encontro entre orador e auditório da seguinte maneira: “3Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, 4disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. 5E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?”. Nesse momento, é possível pensar no estágio da identificação, uma vez que a questão problemática acerca do adultério remetia à lei religiosa vigente da época. Então, orador e auditório estavam engajados no mesmo processo de valores, crenças, convicções, pois ambos eram subjugados pela mesma lei mosaica. Provavelmente, se o auditório não se identificasse com Jesus enquanto mestre, conhecedor das questões religiosas, guia de um povo, então, não teria lhe procurado a fim de interpelá-lo acerca de uma questão polêmica, mesmo que o fizesse para simplesmente apanhá-lo em alguma contradição. A situação não era fácil devido à questão criada pelos acusadores. Ora, se Jesus concordasse com o apedrejamento, estaria indo de encontro ao regime romano, pois apenas Roma, era possuidora do direito em decidir quem morreria; se Jesus fosse contra o apedrejamento, estaria indo de encontro com a lei de Moisés, que era estritamente observada pelo judaísmo da época. Aparentemente, era uma situação em que não se havia nenhum tipo de saída para o orador.

Ao mencionar um argumento de autoridade, a lei de Moisés, os acusadores (escribas e fariseus) certamente queriam que Jesus caísse em contradição e mostrasse uma imagem (*ethos*) de um homem sem credibilidade, que não obedecia à lei do judaísmo vigente. Assim, enquanto os escribas e os fariseus estavam furiosos, o mestre da Galileia agiu de uma outra forma, como se nota no seguinte momento da narrativa bíblica: “6Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo”. Ao fazer esse gesto de escrever na terra em um momento extremamente angustiante, em que a mulher pecadora estava

entre os acusadores prestes a ser apedrejada, constata-se o início do estágio do mover das paixões, já que o orador Jesus de Nazaré desperta a paixão da calma, pois em momento algum se exaltou, se entristeceu, ou ficou irado com a situação de adultério; ao contrário, observa-se que ele agiu com intensa calma, transmitindo ao auditório a imagem de um homem sereno, tranquilo, prudente, em meio às situações conflituosas daquele momento.

Os fariseus e os escribas não ficaram satisfeitos com a atitude de Jesus e insistiram em uma resposta sobre a possível condenação da mulher adúltera, pois a lei mosaica obrigava a condenação. Eis o trecho destacado: “7Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. De certo, aqui se estabelece a continuidade do estágio do mover da paixão. Nesse excerto, nota-se que o orador Jesus desperta algumas paixões aristotélicas listadas ao longo deste trabalho. A primeira delas é a confiança, uma vez o orador, provavelmente, sabia que o apedrejamento da mulher não aconteceria em virtude de sua argumentação passional e persuasiva; a segunda é a indignação, uma vez que Jesus sabia que todos aqueles que queriam apedrejar a mulher também possuíam muitos pecados e isso imprimia a seguinte contradição: pecadores almejando tirar a vida de uma pecadora por causa de pecados; a terceira é a compaixão, visto que Jesus demonstrou misericórdia e livrou a mulher de uma iminente morte por apedrejamento. Assim, esse estágio do mover da paixão engatilha a mudança de julgamento por parte do auditório, o qual se vê impactado mediante o discurso do orador.

Depois da fala do orador Jesus, os fariseus e os escribas não tiveram argumentos para executar o apedrejamento, razão por que as paixões excitadas provocaram uma mudança de comportamento e, sobretudo, de atitude. A narrativa teológica afirma: “8E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. 9Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava”. Nesse momento retórico, Jesus ratifica a paixão da calma, pois volta a escrever no chão, como se nada tivesse acontecido naquele espaço-temporal polêmico. Em seguida, os acusadores da mulher “foram-se retirando um por um”. Após o discurso do orador, os fariseus e os escribas, provavelmente acometidos pelas paixões do medo e da vergonha foram interpelados e obrigados a tomarem uma decisão, razão por que se cancela o estágio da ação. Nesse sentido, nota-se que os acusadores se sentiram perturbados “pela própria consciência”, já que estavam prestes a realizar uma ação deplorável que geraria a desonra, pois iriam assassinar uma pecadora, ao passo que eles próprios também eram pecadores. As paixões inculcadas pelo orador Jesus fizeram com que os acusadores

mudassem de opinião e agissem. Assumimos, conforme o texto bíblico, que eles (os acusadores) realmente foram persuadidos pelo discurso passional jesuânico, pois nesse processo, como afirma Figueiredo (2020), o corpo e a alma são atingidos e impulsionados à ação e isso ocorreu.

Ao finalizar esse discurso teológico, verifica-se que Jesus de Nazaré não permitiu que a mulher fosse apedrejada pelos fariseus e escribas acusadores. Apenas utilizando o discurso retórico, mas com intensa passionalidade e com as qualidades de um exímio orador, o mestre nazareno conseguiu persuadir os adversários a retrocederem, quando se diz no texto bíblico: “10Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? 11Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”. É imprescindível ressaltar que, além dos escribas e fariseus, a mulher adúltera também se constitui como auditório durante a narrativa bíblica, e Jesus, na condição de orador, também busca persuadi-la ao ordenar: “vai e não peques mais”. O orador, retoricamente, suscita as paixões do amor, da confiança, do favor, da compaixão, ao livrar a mulher adúltera de uma condenação que estava prescrita na lei da religião judaica da época. Verifica-se que essas paixões percorreram a máquina humana do orador, dos escribas e fariseus, da mulher adúltera e de outras possíveis pessoas que estavam presentes. As paixões, sem sombra de dúvidas, foram mecanismos discursivos decisivos em todo o processo retórico aqui analisado.

Fechou-se o ciclo da Trajetória das Paixões nesse texto enquanto materialidade empírica, mas acredita-se que, no leitor da narrativa bíblica, esse percurso passional não se encerra, ao contrário, ele se afigura como interminável e, por vezes, a cada nova leitura, suscitará novas paixões que propiciam dor ou prazer. Conforme Meyer (2000, p. XXXVII), “mas se há paixão há ação e, ao mesmo tempo, um agente, uma causa eficiente que para realizá-la, para produzi-la não pode ter sido simplesmente natural - o que leva a uma ordem do humano [...]”. Paixão e ação foram contempladas de maneira conjunta pelo agente retórico Jesus de Nazaré durante uma causa específica e polêmica: livrar a mulher adúltera da morte via discurso passional. O jovem orador que surgiu em uma pequena aldeola de Nazaré e que precocemente desapareceu, conseguiu lograr êxito em seu discurso e se mostrou um grande conhecedor das paixões que acometem a alma humana, ao despertar ao menos oito das catorze paixões apreoadas pelo grande mestre e filósofo grego Aristóteles.

Considerações finais

Durante este trabalho, lançou-se mão de um instrumental teórico-metodológico e analítico formulado recentemente pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo, denominado Trajetória das Paixões. A partir dos cinco estágios que compõem a referida proposta, procurou-se analisar um discurso que é muito divulgado entre a cristandade, sobretudo quando se fala da relação de Jesus de Nazaré para com as mulheres, pois este, diferentemente da cultura machista da época, manteve um comportamento contrário ao que se vigorava, transmitindo uma imagem (*ethos*) de um homem atemporal. A análise desenvolvida evidencia um possível caminho percorrido pelas paixões quando são suscitadas por um orador durante o processo argumentativo e mostra que essas paixões influenciam aspectos cognitivos, mas também físicos, no que respeita às ações, o querer-fazer do auditório visado.

Viu-se também que a teoria da Trajetória das Paixões, vinculada ao *pathos*, fornece uma consistente aplicabilidade analítica, capaz de desvelar os fios persuasivos que perpassam os mais diferentes discursos, neste caso em específico, o teológico, atestando ser um eficiente instrumental analítico para o estudo de discursos passionais. O orador Jesus, habilmente, conseguiu conduzir o auditório à ação, ou seja, à realização daquilo que a alma e o corpo estão almejando que se faça quando são acometidos por uma emoção. Em vista disso, os acusadores (escribas e fariseus) desistem do apedrejamento. Logo, o jovem profeta de Nazaré não só convenceu (no plano das ideias), mas também persuadiu (no plano das emoções) o auditório, evitando que a mulher fosse apedrejada por seus acusadores. Jesus, na posição de orador, traz a lume, por meio do discurso, efeitos patêmicos que culminaram com a absolvição da sentença de morte destinada à mulher transgressora.

Em se tratando da pergunta norteadora que conduziu este estudo, é oportuno retomá-la neste momento: de que maneira é possível aplicar a teoria da Trajetória das Paixões em um trecho da narrativa bíblica descrita no evangelho segundo João capítulo 8:1-11? Verificou-se que as paixões, ao percorrer os cinco estágios da citada teoria – disponibilidade, identificação, mover da paixão, mudança de julgamento e ação – foram suscitadas e insufladas pelo orador Jesus e contribuíram de forma decisiva para o seu ato de argumentar, bem como influenciaram as ações humanas por contemplar aspectos que, de algum modo, promoveram mudanças de vida, de comportamentos. O discurso teológico em tela está permeado de elementos passionais, razão pela qual engendra maior força persuasiva.

Os resultados adquiridos com a realização desta investigação possibilitam um olhar mais amplo para os discursos teológicos que, às vezes, não são muito estudados na linha dos estudos retóricos da linguagem, como destacam Rocha e Moura (2021). Desse modo, essa investigação

corroborar um estudo mais amplo, isto é, que se proponha a observar os movimentos passionais entre diversos gêneros discursivos presentes em textos pertencentes à esfera religiosa. Por meio dos estudos retóricos, com um olhar especial voltado às paixões, ao *pathos*, este trabalho, numa abordagem retórica, forneceu um olhar aguçado em torno de elementos passionais que, de alguma maneira, podem modificar os estados da alma a partir de mecanismos discursivos apresentados ao longo deste trabalho. Portanto, “as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer” (MEYER, 2000, p. XLI) e certamente Jesus de Nazaré, na Palestina do século I, sabia tocar esse teclado de forma magistral.

Referências

- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê, 2009.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas/SP: Papirus Editora, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CÉSAR, Elben M. Lenza. **História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Viçosa/MG: Ultimato, 2000.
- CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23**. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Tradução de André Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- EHRMAN, Barth. **Jesus existiu ou não?** Rio de Janeiro: Agir, 2014.
- FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e Persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FERREIRA, Luiz Antonio. Atos retóricos: do medo e da confiança. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; VIDAL, Gerardo Ramírez; FERREIRA, Luiz Antonio. (Orgs.). **Paixões aristotélicas**. Franca/SP: Unifran, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitadas. *In*: LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; MANFRIM, Maria Pacífico; FIGUEIREDO, Maria Flávia. (Orgs.). **O texto: corpo, voz e linguagem**. Franca, SP: Universidade de Franca, 2018.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “trajetória das paixões”. *In*: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir Matos; FERRAZ, Luana. (org.). **Trajетória das paixões: uma retórica da alma**. Franca: Unifran, 2020. p. 29-55.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir Matos; FERRAZ, Luana. (org.). **Trajетória das paixões: uma retórica da alma**. Franca: Unifran, 2020.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; SANTOS JÚNIOR, Valmir Ferreira dos. Uma incursão ao pathos: o método aristotélico de descrição das paixões e a relação hierárquica delas emanadas. *In*: FERREIRA, Luiz Antonio. (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 65-88.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). *In*: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSCA, Lineide Salvador. Paixões, emoções e afetividade na trilha do tempo: lugar no discurso. *In*: FIGUEIREDO, Maria Flávia; VIDAL, Gerardo Ramírez; FERREIRA, Luiz Antonio. (Orgs.). **Paixões aristotélicas**. Franca/SP: Unifran, 2017.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. *In*: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014[1958].

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RENAN, Ernest. **Vida de Jesus**. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo/SP: Editora Martin Claret, 2004[1863].

ROCHA, Max Silva da; MOURA, João Benvindo de. O orador Jesus de Nazaré o sermão do monte à luz da teoria semiolinguística. *In*: MOURA, João Benvindo de; Rocha, Max Silva da. (org.). **Semiolinguística e retórica: interfaces**. Teresina/PI: Editora Pathos, 2021. p. 14-34. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiolinguistica-e-retorica-interfaces/> Acesso em 9 jul. 2021.

SANTOS, Farnei; FIGUEIREDO, Maria Flávia. As paixões na trajetória persuasiva de Teresa de Calcutá. **Diálogos pertinentes**, v. 10 n. 2, p. 110-125 jul./dez. 2014.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

“WHO DOESN'T HAVE SIN THROW THE STONE”: THE PATHWAYS OF PASSION APPLIED TO THEOLOGICAL DISCOURSE

ABSTRACT: Based on the Trajectory of the Passions, a current theory in the scope of rhetorical studies of language, this study aims to carry out an analysis of the passions aroused by the speaker Jesus of Nazareth during the meeting with scribes and Pharisees who accused a woman of adultery, as narrated by the theological discourse in the gospel according to John 8:1-11. From this work, it will probably be possible to understand how the stages of availability, identification, moving of passion, change of judgment and action take place and how they influence human relationships. Methodologically, from the instruments of the Passion Path theory, in a qualitative perspective, it was possible to verify that the speaker Jesus of Nazareth aroused at least eight Aristotelian passions, which is why the speech of this speaker, in the analyzed passage, is permeated by passionate inclinations, which trigger the persuasive force of the argumentative process, aiming at the persuasion of the social audience.

KEYWORDS: Theological discourse. Passions. Rhetoric.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – 1512021